

# MARIA RITA



REVISTA DE

PARODIAS

Direcção Literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO PEREIRA  
OCTAVIO SÉRGIO



## MÚSICA DE CÂMARA...



OCTAVIO SÉRGIO

... DOS DEPUTADOS

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.da

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que  
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

### 14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.  
Rua das Fontainhas, 198-195.  
Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).  
Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Telef. 5802.  
Rua da Constituição, 1395.  
Rua de S. Roque da Lameira, 2785.  
Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.  
Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).  
Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).  
Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.  
Rua Anselmo Braancamp, 633.  
Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

**Na FOZ** — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314 — FOZ.

**Em MATOZINHOS** — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR  
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,  
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA  
de vinho autêntico velho do Porto!

Muita gente julga que o

## PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas  
a verdade é que êle faz de tudo  
o que diz respeito a camisaria:  
**ATÉ BONS PREÇOS.**

NAS →

## Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,  
todos os artigos teem um  
cunho parisiense inexcédível

• AUX GALERIES LAFAYETTE •

Se algum dia a

# MARIA RITA

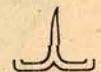
mudar a sua característica toi-  
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-  
bre casa de modas

## Albano Ramos Pais

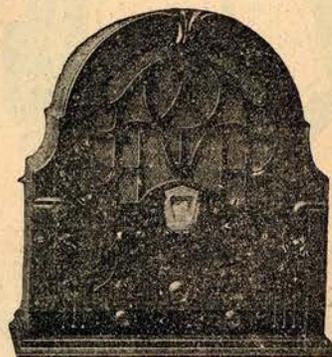
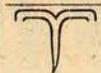
NA

**Rua de Sá da Bandeira**

e ficará na ÚLTIMA MODA



RÁDIO



TELEFONIA



V. Ex.ª está comprador de um receptor ou de qualquer  
accessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome  
qualquer resolução sem visitar a **CASA FORTE**, o maior  
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao  
dispor de V. Ex.ª aos melhores preços do mercado.

## CASA FORTE

SÉDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Uma professora do concelho de Viana do Castelo, que fêz parte do júri dos exames de instrução primária, formulou, há poucos dias, esta pergunta a uma sua examinanda:

— Qual é o rio de que as mulheres mais gostam?

Quedou-se interdita a pobre menina, mais que muito embaraçada para responder. E preparava-se para fazer a declaração sincera de que não sabia, quando a examinadora explicou:

— E' o Homem.

Teve graça a professora, embora a sua anedota exarasse uma verdade sabida, — tão sabida, pelo menos, como as mulheres que em alto e bom som declaram ser o Homem a sua máxima predilecção. Simplesmente se nos afigura pouco asado o momento para fazer semelhante pergunta, e menos asada, ainda, a ingénua criaturinha a quem ela foi dirigida.

De mais, a professora em questão deu à sua afirmativa um aspecto de universalidade que nos parece exagerado. Se é certo que a maior parte das mulheres gostam do Homem, em geral, muitas há que, a certa altura da sua vida, passam a gostar de um homem em particular. E essas, em matéria de correntes fluviais, passam a determinar-se, não pelo Homem, mas pelo Sousa, pelo Lima, pelo Paiva, pelo Neiva, pelo Liz ou pelo Teixeira, consoante o apelido do felizão que lhes caiu em graça.

Outras existem — porque em Portugal, mercê da civilização moderna, há já de tudo — que abominam o Homem. A predilecção de estas pronuncia-se pelo Agueda, pelo Alva ou pelo Elmira.

Há outras, ainda, com preferências nítidas por diversos rios, conforme o seu temperamento e a sua educação. Assim, as discípulas do sr. dr. Amílcar de Sousa preferem, como alimento, o

Maçãs, o Lima, o Pinhão ou o Avelãs. Outras, de pior estômago, optam pelo Caldo. E as mulheres de Tomar, que apreciam a boa hortaliça, preferem a tudo isto o Nabão.

As de temperamento ardente não desgostam, por vezes, do rio Frio. Não me consta, porém, que qualquer de elas aceite de boa vontade o rio Torto. E se o fazem, é uma ou outra Vez, forçadas pelas circunstâncias.

Temos ainda as que apreciam a caça, e se manifestam pelo Ave; as que se lambem pelo peixe, e adoram o Raia; as que teem pretensões a fidalgas, e idolatram o Távora; as gastrónomas, que não podem passar sem o Ceia; as que amam as flores e se babam pelo Liz; as desdentadas, que suspiram pelo Mós; as que gostam de luxar, que ambicionam o Pele; e passam a vida a pedir Colares.

Como quer que seja, a verdade é que o rio de que elas mais gostavam antigamente — o Amor — secou quasi por completo. Para as mulheres, o Dão já não tem Sabor. Só conseguiremos

que alguma de elas dê Chança, pronuncie a frase sacramental: — Tua! — e mergulhe no Caia, se lhe pusermos ao pé um rio D'ouro.

Aqui tem a senhora mestra, que tão cuidadosamente se dedica a ensinar meninas. Pode fazer-lhes, com estes tópicos, uma linda, suculenta, frutificante preleção, e conseguir que meia dúzia das suas discípulas se pronunciem pelo Coura, — mesmo quando êste rio, por ir de monte a monte, mereça um aumentativo.

Marcial JORDÃO.

### MARIA RITA há 50 anos

3-IX-1882 — Desencadeou-se um temporal tão violento sobre a nossa cidade, que os trovões davam a ideia dos Zés-Pereiras nas festas do S. Torcato, em Guimarães.

As inundações foram grandes nos pontos baixos, principalmente em Miragaia que, por êsse motivo, durante algumas horas não viu a outra banda.

### Molhadinho até aos ossos



A Mãe — Este maldito pôs-se numa sopa...

O Pai — Ainda agora não é nada. Quando fôr grande é que há-de ser...

## Balancete da semana

Ilustre Vasconcelos. — Pôrto, vinte e seis d'Agosto. — Só por um acinte ou por cruel má fé, — isto aqui para nós, que ninguém vê, — é que o Octávio, caricaturista, ousou tornar-vos feio! — Como podes, ó diabólico lápis dum artista, sem dar cavaco às tropas, transformar um Apolo num jagodes? Depois, fechas-te em copas... A um corpo de Vestal brutalizas as formas sem piedade... Francamente, — quem há-de sorte não dar, e não tomar a mal uma rude agressão p'la voz dos prelos?

.....  
Tens razão, Vasconcelos!  
.....

Feio? — Quem há por 'hi que feio chame ao vosso corpo esbelto e forte e moço? Onde há jovem que ao ver-vos, não se inflame, — não sinta, enfim, o clássico caroço, ao qual o vulgo chama os crus marmelos das grandes comoções?...

.....  
Sossega, Vasconcelos!  
.....

Sérgio mentiu! — Mentem como vilões os que vos fazem nas caricaturas de feições inestéticas e duras; pois se não há formosas sem "senões", uma excepção vós sois. Outra, sou eu. — Amigo: Somos dois! Também eu sou a vítima inocente dêsses desenhadores... — Duas belezas de homem! Francamente, não é justo, senhores, que nos maltratam, sendo nós tão belos! Não achas, Vasconcelos?

.....  
Fizeste bem vingando-te. A vingança é o prazer dos deuses reformados. — Um passeio de graça, — com papança, "por mares nunca d'antes navegados", automóveis, champagne, — é lá coisa que apanhe um jornalista pobre, que é capaz de fazer ir à serra um ferrabraz e o Portorrão doou aos camartelos? Não é assim, Vasconcelos? E' claro que ninguém sabe que deste sorte por um boneco inserto aqui. Se o soubessem, — gentil visão céleste, — ficavas mal — e riam-se de ti...  
.....

.....  
Proclamo que és formoso entre os mais belos! Perdoa a "charge" caricatural... E basta, Vasconcelos. — Pôrto, tantos de tal.

### O Lampeão e o Napoleão

Os jornais noticiaram há tempos que uma destemida dama brasileira se tinha oferecido para ir combater e aprisionar o famigerado bandido Lampeão.

Já decorreu um mês após o oferecimento, e nós não sabemos se a citada madama iniciou ou não a sua batalha anti-lampeónica e se tem sido bem sucedida.

Lampeão tem triunfado de todos os machos brasileiros que se propõem atacá-lo. E teria realmente graça que fôsse uma senhora que conseguisse apagar o potente Lampeão, que com os seus raios sangrentos ilumina a civilização dum povo.

Lampeão! Campanha anti-lampeónica!

O' senhores, não lhes faz lembrar Napoleão e os combates anti-napoleónicos?!...

### O grande vulcão

#### Direitas, esquerdas ou centros?

Continua o vulcão mundial em plena actividade.

Da rubra cratera saem fantásticas línguas de fogo que vão lambendo (que lambareiras!) os alicerces combalidos duma sociedade anacrónica...

(Este bocadinho ficava bem num artigo de fundo dum diário de grande circulação).

Mas, afinal, o que querem os povos?

As esquerdas, as direitas, ou o centro?

E que lucram êles em estar dum lado ou doutro?

Nós estamos na convicção de que de qualquer lado se vê bem e que o espectáculo é sempre o mesmo, embora os actores sejam outros.

Ainda assim, se nos dessem a escolher, preferíamos o centro.

No meio goza-se muito mais e vê-se o palco de lado a lado.



# O altíssimo significado

## da viagem dos Rotários portugueses à Galiza

♦♦♦♦♦

**O que foi essa memorável viagem, que há-de ficar gravada a "letras de massa" nos anais :: :: :: da culinária internacional :: :: ::**

Tôda a gente sabe para que servem os rotários e o fim que tem em vista o seu Club. Dizer que *tem em vista* já é favor, porque o que eles teem é em bôca, não acham?

Pois os Rotários são assim a modos de uns pensionistas caros, e o Rotary Club é, bem comparado, um "Caçoila de Cedofeita" em ponto grande.

Até agora teem-se contentado com uns jantanzitos no Grande Hotel do Pôrto; mas últimamente a barriga pediu-lhe coisas mais caras.

Em muito contribuiu também a proibição dos menus em línguas estrangeiras.

### Contra isto, o que é que resolveram os comilões de Almada?

Nada mais do que isto: ir comer as próprias coisas estrangeiras ao natural. Foi assim que, entre o garfo e a colher, foi resolvido ir fazer uma passeata a Vigo para consolar o um .. vigo.

Damos em seguida algumas notas interessantes dêsses dois dias de jejum que passaram os nossos queridos amigos.

Diga-se de passagem que não há nenhum Rotário que acredite no célebre Papuss.

### A viagem

Foi alguma coisa piramidal!

Nem uma indigestão! Nem um vômito! Só à passagem da fronteira é que se deram alguns factos desagradáveis, porque a maior parte dos excursionistas levavam comidas escondidas. Uns foram apanhados com frangos de menor idade alapardados no seio; outros com enguias de escabeche na carteira, e ainda outros com croquetes disfarçadas em alfinetes de gravata. Um outro levava esparregado no bôlso de trás das calças.

Mas estas contrariedades tiveram a sua compensação, porque à chegada a Vigo eram esperados por tôdas as autoridades.

Além da banda dos "cozinheiros aposentados" que os esperava, veio cumprimentá-los uma deputação de "comilões sem trabalho" que lhes ofereceu os seus fracos préstimos.

### Viva la Gracia!

Uma vez saídos do combóio, da estação e do marasmo, abriu-se para êles o ubérrimo seio espanhol.

Entre vivas, palmas e flores foi descerada na praça principal uma placa comemorativa com os seguintes dizeres:

#### Ao célebre abade de Priscos

*Os Rotários de tôdas as Espanhas.*

Este descerramento foi acompanhado por um valentíssimo discurso do dr. Vasco Nogueira de Oliveira, que fêz chorar todos os olhos de couve galega e foi muito aplaudido pelas mãos de nabos.

Seguiram-se depois as visitas da praxe: aos principais hotéis, aos melhores restaurantes e às casas de pasto com tradições heráldicas.

A's 13 horas do dia 24 houve o primeiro almoço. (Este primeiro não quer dizer pequeno). E o primeiro discurso.

A's 21, o primeiro jantar e o terceiro discurso (o segundo tinha sido ao *lunch*).

E assim sucessivamente até à hora da partida, que foi fora das horas das refeições, graça a Deus.

### Conclusão

E foi tudo o que resultou do passeio dos Rotários, perguntarão?

Não senhor. Houve mais coisas.

Houve bailes com os primeiros botões dos coletes desapertados; houve intercâmbio de impressões digitais e labiais nos guardanapos, e eloqüentísimas demonstrações mandibulares.

Em resumo: para o ano que vem cá os temos todos nesta linda cidade, onde teremos ocasião de observar de perto a compostura dos representantes espanhóis e o poder da sua mastigação.

## Rima, e é verdade

No número de Julho da bela revista *Lusitânia*, do Rio de Janeiro, vem o retrato da ilustre escritora portuense D. Aurora Jardim Aranha, acompanhado de um soneto do sr. João Maria Ferreira, onde se lê o seguinte verso:

«Além de talentosa, é muito boa».

Três vezes apoiado, Comendador amigo! A êsse respeito, não pode haver duas opiniões diferentes.

## PERFIS DO PORTO

XVIII

DR. ALENÇOÃO BORDALO



*Um Juiz de Direito que não sabe fugir ao lápis do caricaturista, quando toma café na Brasileira.*

# A VIDA E A MORTE

XX

## A MORTE



Como uma grande aranha, a Morte, tecedeira de má sina, tudo destrói e aniquila.

### A Revolução brasileira

Rio de Janeiro, 1— Dizem notícias tendenciosas, que o general Pila, todo teso, avança sobre as costas brasileiras.

S. Paulo, 2— Está um *câlô sáfado!*

Pelotas, 2— Chêgou em Pelotas um enviado dos *Ecós de Cacia* para fazer, com tôda a sua filúcia, uma grandí e mêmorave rêportagem sobre os acontecimento acontecido no Brazíu.

O pêssoá vai estoirá di riso com tanta bêstêra.

Rio de Janeiro, 2— Seu Gêtulio parece disposto a pôr as *Vargas* di môlho.

### O Beijo

O beijo, é um *bonbon*, doce delícia,  
Na cara da mulher sem ter pintura...  
O artifício, tira a formôsura,  
Ausenta-se a verdade, da carícia!...

O beijo tem a forma fictícia,  
Dado à mulher que fuma... é criatura,  
Cansada de viver, não tem frescura!...  
É o mesmo que beijar feroz polícia!...

Eu quero beijo dado, de verdade,  
Na branca... ou na morena... ao natural,  
Tendo ela a formosura... e a castidade!...

É este o beijo meu... o sensual...  
Aquele que eu procuro à pureza...  
Tem o subtil perfume... é o ideal!...

Alfredo Cunha (RAZA).

## PASSA-TEMPOS CASEIROS

que a MARIA RITA oferece aos seus leitores

MARIA RITA, cumprindo o prometido, ensina aos seus inúmeros leitores mais dois novos passatempos caseiros, esperando que eles lhe sirvam para amenizar algumas horas das suas tão atormentadas existências, neste século vertiginoso que passa. (Que fino)!

### Jôgo de prestidigitação

É este um joguinho de realização tão difícil, que damos a palavra de honra em como se pode realizar apenas uma vez em cada casa.

Aproveitando a visita de qualquer casal amigo e recém-casado, o dono da casa dirá que, antes de servido o chá, irá fazer um pouco de prestidigitação.

Para isso pedirá dez escudos ao marido do casal, sairá da sala sempre com os dez escudos bem à vista de tôda a gente, e encontrando a criada, manda-a, com o dinheiro, comprar uma dúzia de pasteis.

Comprados os pasteis, põem-nos numa bandeja cobertos com um guardanapo limpo e, de volta à sala, dirá aos presentes o seguinte, pequeno, mas persuasivo discurso:

«Minhas senhoras e meus senhores! Está feita a sorte! (Entretanto tiram-se os pasteis um a um da bandeja e comem-se à vista do freguês). Os dez escudos transformaram-se em doze pasteis que eu, por minha vez vou transformando também, e sobraram ainda três mil e quinhentos que eu guardo para um charuto, (aparte) que me aliviará do incômodo que a vossa presença me dá!»

É claro que este discurso será muito aplaudido e apostamos singelo contra dobrado como, em tôda a tarde, não se poderá fazer nova sorte com os mesmos convidados.

### A bisca em família

É um passa-tempo inocente e de muito bons resultados práticos e financeiros.

Esta bisca é jogada entre o dono da casa e três amigos que sejam completamente parvos. (Ainda os há)!

Postos os quatro jogadores em presença, a dona da casa, como senhora bem educada, andará de jogador em jogador dizendo a sua gracinha, ao mesmo tempo que lhes vai vendo o jôgo e comunicando-o, por sinais previamente combinados, ao espartalhão do marido.

Ganhando sempre este e uma vez acabada a massa aos outros, a senhora queixar-se-á muito da cabeça, pedindo aos convidados o favor de se retirarem. Já na escada é de bom tom dizer-se aos convidados que se teve muito prazer em recebê-los, etc., etc., e por causa de coisas, fechasse-lhes muito de-pressa a porta na cara, a-fim-de se não ouvir qualquer resposta desagradável.

...É que há cada malcriado por este mundo de Cristo!...

### Posta restante

John Athas— Também nós não sabemos a razão. Mas o que sabemos é que o seu nome como glosador, é a primeira vez que nos vem aos lábios. E como nos soube bem, não deixaremos de o tomar tôdas as semanas. Está bem assim?

Maria tu és na terra— A's vezes não é. A's vezes é noutra sítio. Mas desta vez foi no cesto dos papéis. Tenha paciência. Estude e mande.

Sarapido— Recebemos sim senhor. E os nossos pobres (os pobres da MARIA RITA deviam ser pobres de espírito) vão-se lamber todos. Mande sempre e mande mais.

## Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais  
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Entramos hoje pelo nosso *Primeiro de Janeiro*. Num dos seus números da semana passada inseria o seguinte anúncio:

### Fontelas-Regoa

*Francisco José dos Santos Borges declara que não se responsabiliza por qualquer documento onde apareça a sua assinatura desde que se não prove que foi feita na sua presença.*

O que é uma coisa natural. Mas o que nos parece absolutamente impossível é que se possa fazer a assinatura de corpo ausente.

Desta forma, o sr. Borges deixa-nos ficar a impressão que a sua mão direita, se não fôr canhoto, abandona o corpo bastas vezes e vai assinar lá longe ou fazer o que muito bem lhe apraz. Não será assim?

Esta agora é do número passado do semanário humorístico do Porto: MARIA RITA:

*Não se invoque o nome da rua — bom jardim — para se lhe atribuir poeticidade. O nome nada tem com o verso, nem este com as calças (Vide — «Oforésnos Outigos»).*

Nós temos visto muita coisa; mas o que não encontramos em parte alguma foi *Oforésnos Outigos*. Se calhar isto queria dizer simplesmente: *Aforismos Antigos*; mas o redactor, o revisor e o tipógrafo tinham ido no Combóio-mistério e deu este resultado.

Do mesmo jornal e nos telegramas do professor Piccard:

*.....  
minha mulher ficou contente por a bola não ter rebadento.*

E' outra palavra que os dicionários não mencionam e que o revisor inventou.

O que é pena é que os *Ecoss de Cacia* não tenham lá também uma secção de *Descanso Semanal*.

Encontramos num jornal de Lisboa o seguinte anúncio:

Telefone 6

### ANTÓNIO BATOQUE

Advogado

POMBAL

E aconselhamos todos os nossos leitores dados a questões ou a facadas,

a procurar êste advogado para a sua defesa, porque ainda não há nada para tapar um buraco como um bom *Batoque*.

O *Primeiro de Janeiro*, de Sexta-feira da outra semana trazia a seguinte queixa:

### Divida de honra

*A tecedeira Aurora Luz da Liberdade, moradora na rua de Barros Lima, apresentou queixa na policia contra Alberto Rodrigues Moreira, da rua Guedes de Azevedo, arguindo-o de se recusar a satisfazer uma divida de honra que com ela contraiu.*

E nós se fôssemos policia, não a levávamos por diante, porque esta queixosa tem no seu nome e apelidos toda a razão do seu mal.

*Primeiro:* E' Aurora; e o romper da aurora é uma coisa muitíssimo natural e de todas as manhãs.

*Segundo:* E' Liberdade; e se tinha namôro com o rapaz, fêz êle muito bem fazendo mal. Lá diz o povo:

Liberdade, Liberdade  
Quem n'a tem chama-lhe sua.

Foi o que êle fêz: chamou-lhe sua e se calhar um figo. E é por causa da Liberdade que êle há-de ser preso?

*Terceiro:* E' Luz; e por isso mesmo o que êle deu à Luz, terá ela de restituir; isto é: dar à luz também.

Senhores policias: mandem o homem embora. Já está julgado por uma mulher: pela MARIA RITA.

E agora vamos lá até Cacia. Cá estão os *Ecoss* da semana passada. Este é um bocadinho de um artigo didático:

### “Terra Mãe,,

*É a Terra mãe do mundo. A mãe de tudo quanto no mundo é existente, e de folego vivo é bem de ver.*

*E se quiserem — porque não? — também das arvores e plantas; e com razão o é, poie a ela estão aferrados com as suas raizes, e é dêla que se sustentam.*

*Da Terra nos vem o que comemos, da Terra nos vem o que bebemos, da Terra nos vem o que vestimos e calçamos.*

E se calhar dão ordenado a êste homem! Nós, se fôssemos seus superiores, obrigá-lo-íamos a comer terra, a cobrir-se de lama e a calçar-se de poeira.

A célebre correspondência de: *Mata-дуços e Almunieira*.

Esta vai inteirinha que é pena cortar-se:

### A Fonte

*Novamente a fonte do Crelmo foi encontrada cheia de imundices, êste caso que várias vezes succede, por certo é trabalho do rapazio sem iducação e quando falamos em iducação; como quem diz: quem diz: quem tem iducação não comete estes e outros êrros, e . . . vamos adiante: porque se falarmos em algumas altas percuinalidades, temos muito que dizer!! pois que, ha tanto tempo, esperamos que nos levem aos tribunaes, e a tal opertinnidades ainda não chegou: Pois é ali que as razões se discutem e as verdades se aclaram! . . . mas não se atrevem, porque a cobardia das que se tampam com a tal educação por certo ali eram desmascaradas, porque bem sabem que nós temos em nosso poder num grande bloco de papeis recheados de preciosos e interessantes bucadinhos! . . .*

*Portanto repetimos que a nossa consciencia está livre de compromissos, e faicidades, porque não somos ferquetadores das casas de Brux: dos . . . pois tudo representa atrazo e estupidiez de quem anda por tal caminho.*

*Aqui fica tudo dito, e a carapuça que a ponha as tais perçonalidades, por quem êla foi talhada, e sêrvelhes às mil maravilhas.*

Correspondente.

Como viram, da fonte não se diz nem nada. A não ser, que ela está cheia de imundice, e que êle tem lá em casa um bloco de papel *rechiados de interessantes bucadinhos*. Se calhar foram apanhados na Fonte.

E agora só num anunciozinho para disfarçar:

### Padaria

*Trespaça-se uma padaria com todos os pertences de padaria, Albará e com todas as licenças precisas, abitações para criados e casal, casa egienica cozendo 185 Kilos renda de toda a casa 100\$00 mensais quem pretender derija-se a Evaristo Marques da Costa, Padaria Central Aveiro Barra.*

Bem de-certo, lá na terra, é costume passar-se as padarias com os pertences de ferrador, e as casas *egienicas* que cosem 185 quilos de renda não são muitas.

Santíssimo Deus! Mas não haverá uma chuva de gramática lá para aqueles lados. E há sítios onde tem havido terremotos sem culpa nenhuma.

NOTA — Alguns recortes que tínhamos recebido para esta secção, e que muito agradecemos, transviaram-se. Não haverá forma de se repetirem? . . .

# O ar puro e o iodo, são necessários à vida

Tratemos de respirar—Tratemos de iodo—Montanhas—Praias—Termas e Campos  
—As preferências dos grandes homens do Pôrto



O Sr. Vítor França, o único homem que, com razão, pode dar vivas à «Cristina»

QUANDO este número se publicar, pode ser que chova e o frio nos ronde a porta como um senhorio descaroadado; mas o que é certo, é que, à hora a que escrevemos isto, o calor é tanto que as máquinas trabalham sem carvão e a vida nesta cidade de granito é insuportável.

E a MARIA RITA, tripeirinha da Costa, não podia deixar de saber quais as preferências demonstradas pelos grandes homens do Pôrto à cerca da maneira como passar os 15 dias da praxe que o succulento corpo pede de descanso.



O Sr. Aníbal de Morais em fato de banho

Foz tôdas as noites, e para a Póvoa tôdas as meias-noites. Vive-se como se pode...

Dr. Bento Carqueja—E' um horror esta atmosfera portuense. Coitados dos pobrezinhos!... Vou fazer uma subscrição para que eles possam tomar um

Com o risco de morrer alagada em suor, ela lá foi a procurar os abastadíssimos cidadãos que abaixo pontificam, pedindo-lhes desculpa da falta de adjetivos a acompanhar os seus ilustres nomes.

## Tem a palavra o jornalismo tripeiro

Comecemos pelos mais velhos (que nos perdoem S.<sup>as</sup>).

Aníbal de Morais—O verão no Pôrto é detestável; mas eu vou para a

bocadinho de fresco na torre do meu edifício.

Lopes Vieira—Monção, meus amigos, Monção!... Aquilo é que é terra. Termas? Sim, mas frescas e boas!... Calor, em S. Gregório apenas!...

Seixas Júnior e Júlio Ribeiro—Nós, preferimos a *Montanha*, a-pesar-de tudo.

## Falam agora os ilustres clínicos

Dr. Abel Pacheco—O úbere da Natureza não necessita operação. A Beira-mar meus amigos, desde que tenha rochedos, é o meu forte. Muitos rochedos, de onde a gente possa arrançar lapas sem dor.

Dr. José Figueirinhas—Seja onde fôr ou aonde quiserem. Contanto que me deem uns ossinhos da sua, uma asita de frango e duas horas de soneca. Mas tragam-me o rapazito, o *Rucas*, se não, não presta.

Dr. Amílcar de Sousa—O verão!... Os frutos!... O nudismo!... Pêras... pêssegos!... Marmelos!... Tudo à mostra, meus caros, e, sem reumatismos, a felicidade existe.

## Teem a vez agora os Radiófilos

Vítor França (o Homem dos Bigodes). Seja como fôr. A Boa Nova, radiófilamente não falando, é um sítio admirável. Perguntem ao Ricardo: nós damo-nos como irmãos. E' curta a viagem para lá? Paciência! Eu prefiro até as extra-curtas.

Ricardo Lemos—Umas rolinhas, umas fanequinhas muito fresquinhas, e deixem lá vir o calor! Enquanto houver cervejas não há perigo. Perguntem ao Vítor França.

António Laranjeira—Se vocês souberem o que custa estar dentro do *estudio* no verão?!... O que vale é que eu visto-me de chinês!... Mas os *estudios* neste tempo deviam ser ao ar liver.

## Estão na berlinda os despachantes oficiais

Oscar Larose Rocha—Eu, cá por mim, canto as belezas da aldeia, dos matos virgens, da Barroca. A aldeia é a nota mais linda da gama natural. Vou para a aldeia com o meu *Leão* e a minha mulher.

Manuel Castro—Ó meninos! Em Vigo é que se passava uma quinzena de estalo! Se quiserem, eu indico-lhes um hotel de primeira.

Joaquim Barroca—Olhe: eu tenho lá em casa um disco que imita perfeitamente os ruídos do mar, das ondas, dos peixinhos. E tenho outro com o cantar dos passarinhos, o chinar das noras, e o cheiro das madresilvas.

Portanto, ora meto um, ora outro, e estou aonde quero.

## É a vez da grande Banca

António Borges—Estou à espera que o mano Francisco resolva. Irei, como sempre, depois dêle.

Francisco Borges—Só falta, para eu partir, que o mano António diga para onde vai. Como sempre, irei depois.

J. Pomar—Ainda não há nada como um passeio-mistério no «Norte de Portugal». Pode a gente não saber a quantas anda, mas sabe aonde fica.

## É a voz dos Palcos que vos fala agora

António Castro—O calor não devia existir. Neste tempo não há senão *môscas*. A-pesar-de pôr no teatro um verdadeiro Ribeiro para refrescar, as casas continuam na mesma: às *môscas*.

César Ramos—Aonde se veraneia em termos é nas margens do Yang-Tsé-Tiang. Vamos para a China. Vou passar

no Olimpia um documentário sobre a Mandchúria, coitada!

Carneiro de Melo—Olhe: o Sindicato da Beira Douro Litoral é uma coisa maravilhosa. As vacas, desfazem-se em leite com este calor. E o Cinema da Foz tem arrefecimento central. Vão lá ver o *groom* que até parece uma carapinhada!

## Entram na baila os comerciantes

Manuel Barros, Almeida & C.<sup>a</sup>—O' filhos! Em Gaia, veraneia-se que é



O Sr. António Borges

um consólo. A gente põe-se na Serra com um olho no *semicúpio* e o outro no *supositório*!... Um encanto!

Carlos Lelo—A' sombra, meus meninos, à sombra! *A sombra indica!*... E o verão é como os vinhos lá da casa: Vão a toda a parte.



O Sr. Seixas da «Montanha»

Rodrigo Ferreira Dias—Eu prefiro a Serra... mecânica, ou uns dias de boa *Madeira*.

José Afonso Barbosa—Cá por mim não saio de Matozinhos. Também lhe não posso dizer se pesco ou se conservo; mas o que sei é que a sardinha de verão é uma maravilha.

## O clero

Padre Bernardo (dos Congregados)—Onde se passa bem o verão é à sombra da Cruz. E se os papéis brasileiros tivessem *cobertura*, não nos fariam suar tanto.

## O cavalo do senhor D. Pedro

Os homens são uns burros. Então quando chove é que eles me põem um tolde?!... E quando está calor deixam-me ficar aqui, desesperado com as *môscas*?!...

## A opinião da MARIA RITA

Cá por mim passarei o verão à sombra dum Carvalho... Barbosa e no meio dos Campos... Monteiros...

Já que não há dinheiro para ir para as praias ou termas, tenho de me contentar com o que há cá por casa.



# Opiniões sôbre os orfeões DO PORTO E LUSITANO

## A' urna, meus senhores!

A conspícua MARIA RITA, — velha amadora da boa solfa e laureada, em Leipzig, com o primeiro prêmio, no curso de pianista de cauda, — perante o conflito inter-Orfeões do Pôrto e Lusitano, tem-se conservado, até hoje, numa neutralidade simpática e espectralmente benévola, atitude que, a continuar, passaria à categoria de crime grave, suborno de opinião ou estupro intelectual.

Mas MARIA RITA é de pêlo na formosa venta e não usa papas de linhaça no idioma. Tudo o que é demais, é moléstia infecciosa — e porque o conflito se agrava e alastra, a supradita matrona pede a palavra e vai dizer o que sôbre o assunto se lhe oferece.

### Um e Outro

E' certo que o Afonso Valentim, — maestro da Curia Romana e com indulgências plenárias, — nos merece uma grande e religiosa consideração pela sua arte. Mas é verdade, também, que o Raúl Casimiro é um maestro e pêras no singular, que tem envelhecido a aturar tenores, barítonos e baixos em segunda mão, sem auxílio do Vaticano e da sua respectiva Schola Cantorum... E nesta cidade, onde as bêstas nos escanhoam a paciência e o coice é moeda corrente, êle tem jus ao nosso aplauso

pelo seu passado artístico, sem mácula nem benções papais...

### Qual dos dois Orfeões é o melhor?

Todos os críticos musicais de Portugal e Algarves tem dito coisas do «Orfeão do Pôrto», — coisas agradabilíssimas, graça a Deus. Contudo, para os críticos musicais que não sabem distinguir um «dó» dum «si» e só conhecem, de vista, o pentagrama da avó, o «Orfeão do Pôrto» é pior que mau. A' opinião, que nós julgávamos abalada, de Mestre Hernani Tôrres, director do Conservatório de Música do Pôrto, contrapõem a formidável e esmagadora opinião de vários Ex.<sup>mos</sup> Srs., — Pigmalião da Anunciação Júnior, Anastácio Exposto, Lucas Pindela, Pancrácio Lebre & Filho, etc., — e outros mancebos possuidores do bacharelato musical em Roma.

### Aguenta-te no balanço!

Nesta altura, MARIA RITA, para evitar qualquer complicação internacional, não está com meias medidas nem com peúgas idem. Agarra pelos cabelos meia dúzia de personalidades em evi-

dência nesta cidade, e pergunta-lhes: — Qual a sua opinião sôbre o «Orfeão do Pôrto» e o «Orfeão Lusitano»?

E agora é que vão ser elas! — Qual é o mais antigo, já tôda a gente sabe, e não divergem as opiniões. Qual é o melhor, — como a nossa opinião não pode saltar por cima dos outros, pouco ou nada vale.

Teem, portanto, a palavra, os nossos leitores.

Preencham êste «coupon»:

### Orfeões

O melhor Orfeão desta cidade é

o.....

Data.....

Assinatura.....

Morada.....

... E pelas nossas alminhas lhes juramos que não haverá batota na contagem de votos...

## Cartas a tinta preta

### (IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

«As nossas Colónias estão militarmente ocupadas. E' preciso fazer a sua ocupação científica.»

(Dos jornais)

Tia MARIA RITA:

Como vais?

Essa mimosa face não desmaia? Já descoseste alguma dobra à saia? A blusa não está 'streta de mais?

D. Angola ofendeu-se gravemente Co'a a frase anti-galante de um Doutor Que a feriu no seu íntimo pudor De dama que se preza por decente.

Que murmurem que tem ainda bichos, Que faz cera e com óleos se arremete A fazer os cuidados da toilette, Vá que não vá! — E' dama, tem caprichos!...

Mas ouvir o que disse, grave e lento, Um lente grave ao público alfacinha, — E' de sentir tremuras pela espinha, — E' de cair de cujo... pensamento!

Tu lêste, MARI'RITA? Acreditaste? — Dizer que Angola está militarmente Ocupada! E' falso! Ela desmente!

Namorar um soldado?! — Não senhor! Enganou-se o Doutor, E não tem nada que se vir meter Com quem está muito sossegadinho! Aqui fica o protesto. E até ver!

Envia-te um abraço o

Migue-LINHO.

## No circo



O «regisseur» — Vê lá se hoje fazes rir o público... Estás mesmo um sensaborão.

O palhaço — Se eu tivesse a sua cara...

# A monomania do Mistério

## nos Carros, nas Comidas e no Casamento

Mistério! Mistério! Mistério!

Dantes só existiam os «Mistérios da Santa Inquisição». Agora tudo é misterioso, tudo é mistério, super-mistério, arqui-mistério, hiper-mistério!

Começou pelo «Combóio-Mistério» do Vasconcelos, e estendeu-se, depois, a todos os transportes.

A MARIA RITA iniciou o «Automóvel-Mistério». Há também o «Auto-Carro-Mistério».

E não tarda a surgir o «Carro de bois-Mistério», a «Galera-Mistério», o «Coche-Mistério», a «Carroça-Mistério», o «Barco-Mistério», a «Bacia-Mistério» e o «Bidet-Mistério»!

### Pratos misteriosos Petiscos com mistério

Depois dos meios de transporte, devem aparecer os «Restaurantes-Mistérios», com «Pratos-Mistérios».

As «Almôndegas-Mistério», a «Engrua-Mistério», o «Besugo-Mistério» e outros acepipes assás misteriosos, como:

O «Salpicão-Mistério», dedicado às

filhas famílias, e as «Tripas-Mistério», verdadeiro petisco, difícil de se conservar misterioso, devido ao feijão branco que o acompanha, juntamente com o «Chispe-mistério», «Mão de vaca-Mistério» (que é uma delícia!), e a «Cenoura-Mistério».

A «Sobremesa-Mistério» é duma originalidade assombrosa: o «Pudim-Mistério», os «Ovos-Moles-Mistério», a «Tapioca-Mistério», etc., etc.

E as frutas? A «Maçã-Mistério», as «Uvas-Mistério», a «Banana-Mistério», a «Ameixa-Mistério», a «Pêra-Mistério» e o «Pêssego-Mistério».

Os leitores calculam lá a sensação que se sente, ao dar uma ferradela num «Pêssego-Mistério»!

Lembra-se logo uma pessoa do Dr. Amílcar de Sousa!...

### «Casamentos-Mistério», «Filho-Mistério»,

A moda do mistério invadirá os lares e a sociedade.

Haverá o «Casamento-Mistério» que

dará lugar ao «Divórcio-Mistério» e, decorridos nove meses, aparecerá o «Filho-Mistério».

O «Casamento-Mistério» far-se-á sem a noiva conhecer o noivo, que irá de loup e barbas postiças.

Viverão juntos oito dias, conservando o noivo o mais rigoroso incógnito, comendo, bebendo, fumando, dormindo, etc., sempre com a meia máscara e com as barbas que não são dêle.

Segue-se logo o «Divórcio-Mistério», recolhendo cada qual a sua casa, gozando misteriosamente a semana misteriosa que o himeneu lhes proporcionou.

Quando nascer o «Filho-Mistério», a mãe abraçando-se a êle, exclamará:

— O' filho misterioso de um homem que tem barbas postiças e pêra ao Natural! O teu pai é o «Pai-Mistério» que o «Amor-Mistério» atirou para a «Pai-xão-Mistério» do «Prazer-Mistério»!

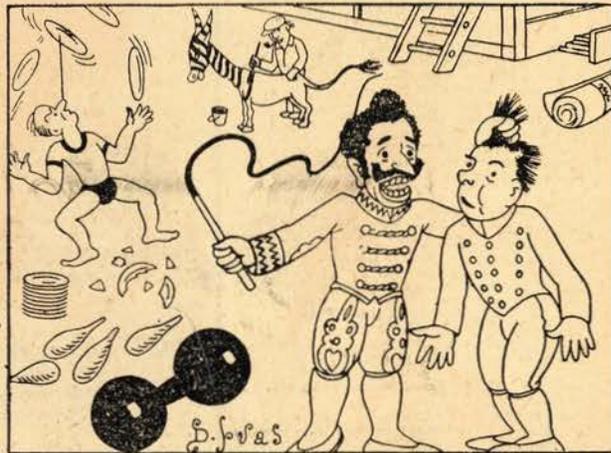
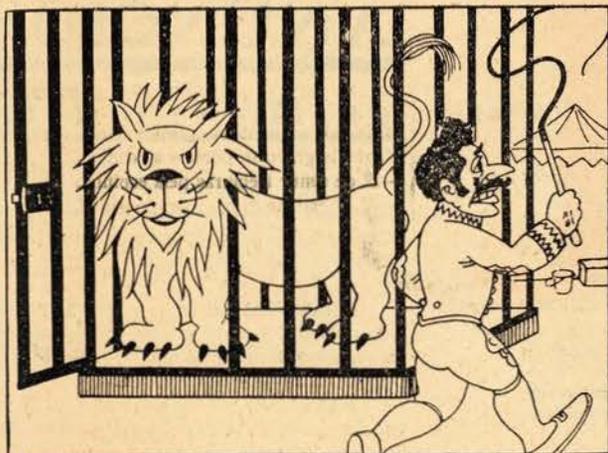
Meu filho, se fôsses filho de pai incógnito, tinhas pai. Assim, não tens. O teu pai é o «Mistério», que é como quem diz o X. E tu sabes muito bem que uma letra nunca pode ser pai de ninguém, a não ser que se trate de uma letra a receber.

Resigna-te, meu filho. Não tens pai, —és só filho da mãe.



## DOMADORES

Por D. FUAS



- Vá já trabalhar com aquele leão e não se esqueça de lhe meter a cabeça na bôca.
- Nessa não caio eu.
- Cobarde!
- Não é, sr. director, é que o raio do leão tem muito mau hálito.



## O subtil "Flirt,"

*Praia da moda. Um mar muito azul, uma areia de ouro, barracas multicoloridas. Deitadas na areia, ao sol, em «maillots» que cobre a sua epiderme apenas como a cobriria uma pincelada de tinta, Lena e Lina conversam, de olhos semi-cerrados.*

**LENA**—Nada temas, Lina. O *flirt* é o passatempo mais agradável, mais fino, mais inofensivo que eu conheço.

**LINA**—Talvez! Mas tenho a impressão que lhe sucedeu entre nós como a certas plantas quando transplantadas para outros climas. Dege-nerou, ao passar para os nossos temperamentos de meridionais.

**LENA**—Estás enganada! Que mal teem dois olhares que se trocam, duas palavras que se dizem, uma predilecção especial por A ou B?

**LINA**—Mas essas palavras teem um sentido reservado; êsses olhares queimam mais que o lume; essas predilecções, muitas vezes...

**LENA**—Não! Descansa! Podes *flirtar* à vontade com o pobre rapaz! O *flirt* é tão simples, tão inocente, tão imperceptível, que os que o fazem quasi o não sentem!

*(Depois de um segundo de silêncio.)*

Sim! Sente-se tão pouco, que o ano passado a Lolita, recordas-te? só se lembrou que o tinha feito quando se encontrou a fazer um enxoval de criança!...

Dr. KNOX.

# ANUNCIOS

## da MARIA RITA

**DÁ-SE** de aluguer, por baixo preço, um guarda-sol de feira, cabendo bem, debaixo d'êle, cinqüenta famílias compostas de quatro pessoas cada uma, sem contar a sogra.

**GRATIFICA-SE** bem, a pessoa que indicar o número da sorte grande do próximo natal a um pobre portador de títulos brasileiros.

**PASSA-SE**, por baixo preço, um lote de acções da C. C. F. P. por o seu dono reconhecer que deve dar aos outros a oportunidade de enriquecer sem canseiras.

**VENDE-SE** um rico palácio num dos mais ricos cemitérios desta cidade. Serve para qual-quer pessoa que não tenha aonde cair morta,

Para o mote

*Arranje um auto-lata,  
Para passear ao Domingo...*

recebemos as seguintes aproveitáveis

### GLOSAS:

Eu não sou aristocrata,  
Eu sou um simples plebeu.  
Como quem paga sou eu,  
*Arranje um auto-lata.*  
Com um «chauffeur» democrata,  
Logo de entrada respingo,  
Pois precisava de um pingo  
Esse auto-lata ordinário,  
Passei um triste fadário  
*Para passear ao Domingo.*

Tónio.

Desde que me pus em cata  
De mulher boa e com massa,  
P'ra melhor buscar a caça,  
*Arranje um auto-lata.*  
Na verdade, andar à patu  
Qual desasado flamingo,  
De nobre não tem nem pingo,  
De grande não tem nem pó.  
Grande e nobre é ter pópo  
*Para passear ao Domingo...*

J. A.

No Buçaco, em plena mata,  
Encontrei dama sem par:  
Para comigo a levar  
*Arranje um auto-lata.*  
Mas, oh céus! Que coisa chata  
Que todo o meu brio achata,  
E contra a qual eu respingo  
Me saui essa tal dama!  
— Nunca quer sair da cama  
*Para passear ao Domingo...*

John Athas.

Eléctrico, coisa tão «chata»  
Não posso em tal bicho andar,  
E então mesmo a calhar  
*Arranje um auto-lata.*  
E' claro, coisa barata  
Que eu «velos» não distingo  
Que há melhor? Não respingo,  
E' melhor que andar a pé,  
Já tem pó... pó... o Lize  
*Para passear ao Domingo.*

Lizé.

P'ra fazer a serenata  
A' porta da minha bela,  
Enverguei linda farpela,  
*Arranje um auto-lata.*  
A coisa dá zaragata.  
Já o supunha... Respingo,  
Constipado, assim de pingo,  
Co'o nariz uma vergonha,  
Mostro-feia carantonha,  
*Para passear ao Domingo.*

Rei Louro.

Como tenho pouca prata  
Para comprar um Packard,  
O que havia de arranjar?  
*Arranje um auto-lata!*  
Ando agora na cidade  
Com tamanha velocidade  
Que nem os trilhos distingo!  
Foi ideia d'uma cana  
O comprar a carripana  
*Para passear ao Domingo.*

Ardotos.

Bem se diz que o tempo mata  
Cada qual a sua moda...  
Cá p'ra mim, p'ra andar à roda,  
*Arranje um auto-lata...*  
De tal maneira desata  
A correr que não distingo  
Por quem passo, assim me vingo,  
Como quem coisa não logra  
E não carrego co'a sogra,  
*Para passear ao Domingo!...*

Alfredo Cunha (Raza).

Com sapato e alpercata,  
Ando assim porque manquei;  
E que remédio achei?  
*Arranje um auto-lata.*  
A Mimi, que até se mata  
Com a sua dor carpindo,  
Pois em breve, tem que ir indo  
Para o Moledo gozar,  
E também para engordar  
*Para passear ao Domingo.*

Pequerrucho.

Vai dar muita zaragata,  
Vai dar muito que falar,  
Pois não sabendo, eu guiar,  
*Arranje um auto-lata.*  
A coisa não fica barata,  
Porque gusta muito «pingo»  
Mas passando-me vingo,  
Com os meus camaradões  
Aproveitando as ocasiões  
*Para passear ao Domingo...*

Amarantino.

Digam lá que é sucata  
Chamem-lhe chocolateira  
Mas faz-me certa leiteira,  
*Arranje um auto-lata.*  
A andar faz zaragata  
Vossos ouvidos seringo?  
Nisso mesmo me distingo  
Se não tem as peças todas  
Qu' importa? Tem quatro rodas  
*Para passear ao Domingo.*

Horriavel.

Como a vida está barata  
E a coisa me vai correndo,  
Eu para me ir entretendo  
*Arranje um auto-lata.*  
Da grande marca «Batata»,  
Mas mesmo assim eu respingo,  
E esta cisma nunca extingo  
De um dia de pé p'ra a mão  
Ir comprar um avião  
*Para passear ao Domingo.*

(Azeiro).

Olegna.

Por causa da carrapata,  
Que tenho a todo o momento,  
Engenhei um alto invento,  
*Arranje um auto-lata.*  
Na frente pusi-lhe uma «Pata»  
Pela qual eu o distingo,  
E em cima dêle eu me vingo,  
Desta vida tão sabida,  
Pois é marce aliançada  
*Para passear ao Domingo...*

Delfim de Freitas.

Tenho uma prima mulata  
Que se chama Felisbela;  
Como gosto muito dela  
*Arranje um auto-lata.*  
Fomos p'ra Coimbra... p'ra «mata»...  
Num chafariz eu a «pingo»  
E um «ponto negro» distingo  
Que «faz-me rir» a perder...  
E' hom a gente saber  
*Para passear ao Domingo.*

Sepol.

Para o tédio que me mata  
Remédio fui encontrar,  
Depois de muito pensar  
*Arranje um auto-lata.*  
Isto não é carrapata  
O mal aumento c'um pingo,  
E depois de todo o extingo,  
*Arranje muita amizade*  
E dos amigos vontade,  
*Para passear ao Domingo.*

(Azeiro).

Zé Maria.

De fato novo e gravata,  
Já pareço um estadista;  
Mas, p'ra ser certa a conquista,  
*Arranje um auto-lata...*  
Um Ford velho — já sucata.  
Gasolina nem um pingo,  
Por isso mesmo respingo...  
Não há «cheta» p'ra comprar,  
Tenho pois de me empenhar  
*Para passear ao Domingo.*

A. L. (Marialva).

Mote para o próximo número:

*Vou-te dar um beijo grande,  
P'ra o trocares em mûdos...*

Sobre o concurso a abrir nesta secção, pedimos a todos os glosadores que se pronunciem sobre a melhor forma de o levar a efeito.

**Quem é?**

Pêras, bananas e uvas,  
Banhos de sol e do mar,  
Este médico distinto  
Não deixa de aconselhar.

*A' Esquina do Paraíso*  
Vive muito natural...  
Já uma vez, por andar nu,  
Foi chamado ao Tribunal.

SEPOL.

**Anexim**

O Carvalhosa fêz qualquer coisa feia.  
Depois foi preso; mas o Juca e o João  
Tratam de o pôr na rua, dizendo então:  
"....." (?)

(Recarei).

Manuel LUCAS.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*  
Manuel Reis. *Anexim*—«Dá Deus as nozes a quem não tem dentes».

*Matadores*: Satiérif ed Mifled, Reirobi, Campeão, Toneca Barbas, Cardial Mina, Rei dos Borlistas, Brancuras.

*Errata*: Por lapso dissemos que a decifração do *Anexim* inserto no n.º 18, era «Quem tem medo, compra um cão», quando deveríamos ter dito «Hora a hora Deus melhora». — Mas, a-pesar disso, decifreadores não faltaram...

**Sol e Dó**

**A BATUTA E A BATOTA**

Vai p'ra aí grande algazarra  
Por causa do Orfeão  
Dum homem que é Valentim  
E que se crê valentão.

Este homem temente a Deus,  
Quando está de águas ao sul,  
Todo se escama e reponta  
Com a pêra do Raúl.

Ao vê-lo, assim, há quem diga,  
(E disso é bom tomar nota)  
Que êste caso da batuta  
Encobre grande batota!

P'ra bem do canto coral,  
Acabem com bambochatas,  
Porque batota e batuta  
Já estão a pedir batatas!

Não pode haver boa música  
Sem haver boa harmonia.  
P'ra que tudo terminasse,  
Eu cá por mim proporia:

—O nosso Frei Valentim,  
Prega ao Raúl um sermão.  
O Raúl manda-lhe a pêra,  
...E terminou a questão.

F.

**A amnésia de D. Leonor**

A Sr.<sup>a</sup> D. Leonor Cristelo possuía trinta-e-cinco anos de idade, duas quintas e uns papéis brasileiros próprios para forrar salas.

Além dêsses defeitos herdados dos seus antepassados, ornavam o físico e o moral de D. Leonor algumas qualidades inherentes ao seu sexo, ex-frágil, e, hoje, absolutamente forte, graças à emancipação feminina, que vai desde os cabelos à Joãozinho até os cigarros Abdula.

\*  
\* \*

A D. Leonor tinha um grande desgosto: era um tanto ou quanto amnésica, e ao querer citar uma frase ficava quasi sempre no meio, não havendo meio de sair do meio para o fim e completar a citada frase.

Quem lhe valia nesses casos de obstrução era o Arturinho, um simpático mancebo, com vinte cinéfilas primavera e que era aprendiz de oficial do exército.

Era êle que, quando a D. Leonor emperrava nas suas dissertações, lhe lançava a bóia de salvação, concluindo a frase para que ela não ficasse eternamente a gaguejar.

\*  
\* \*

A D. Leonor foi para Vidago e levou o Arturinho, que é como quem diz: o sulfato de soda das suas prisões de cérebro.

E tem-lhe valido uma quantidade de vezes, o bom do Arturinho!

Logo no dia da chegada, no fim do almôço, dizia a D. Leonor para os hóspedes: — O almôço esteve muito bom. Sobretudo o *hors... o hors... o hors...*

— ... *d'oeuvre*, minha senhora, *d'oeuvre*, — interveio do lado o Arturinho, salvando a situação.

\*  
\* \*

Ontem houve grande festança promovida pelos hóspedes do Hotel, rea-

lizando-se um alegre pic-nic e a seguir uma ginkana de automóveis.

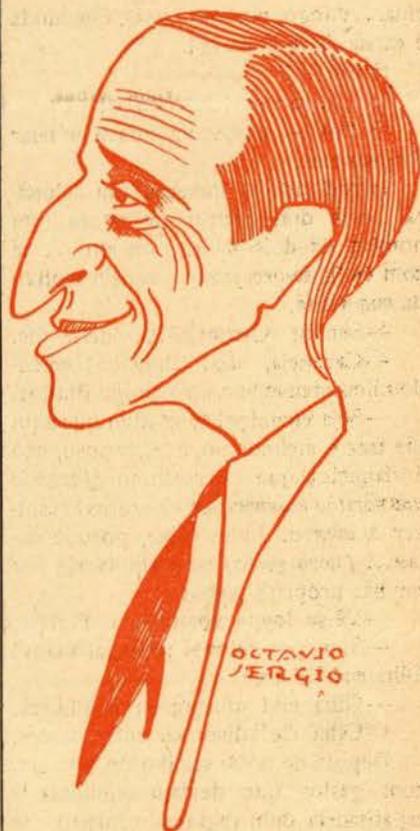
Correu tudo às mil maravilhas, e à noite, no salão, D. Leonor contava: — «Muito me diverti eu com a gin... com a gin... com a gin...»

E o Arturinho para a salvar: — «kana, minha senhora, kana».

— Mas do que gostei mais — voltou ela — foi do pic... pic... pic...

— ... Nic, D. Leonor, nic — concluiu o Arturinho, todo amável e solícito.

LEIDOAR.



**SALES RIBEIRO**, o ilustre actor-cantor, que realizou na noite de 2 do corrente, com grande êxito, a sua festa artística, no Teatro :: :: :: Sá da Bandeira :: :: ::

DE



## O homem a quem roubaram a alma

Certa tarde (bem tarde, por sinal) estávamos, eu e o meu amigo e genial detective Philêas Chamiço, fazendo a digestão laboriosa dum esplêndido *menú* que tínhamos visto afixado à porta dum restaurante. De pernas entrecruzadas, (não julguem que êste *entrecruzadas* signifique que as nossas pernas estavam cruzadas umas nas outras), olhos semi-cerrados, vimos aparecer a velha Vitória, que, açodada, nos comunicou estar à porta um matulão com cara de poucos amigos, que desejava urgentemente falar com o patrão.

— Cara de poucos amigos..., raciocinou o Philêas. . . , quem os tem não morre na cadeia... continuou a raciocinar... logo, portanto, pois, êste ainda é capaz de lá ir parar!

E alto:

— Transpõe-no! Introdu-lo!

O Philêas nesse dia estava a falar divinamente.

Introduzido o homem, um calmeirão com dois metros de altura (um homem de dois metros de alto... lá com êle!), de-prensa soubemos o motivo da sua visita.

— Senhor Carqueja!... disse êle.

— Carqueja, não! Chamiço! emendou honestamente o meu amigo Philêas.

— Seja chamiço! O motivo que aqui me traz é melindroso, é misterioso, não é daqueles que eu costume (*fazendo um sarilho enorme com os braços*) resolver a murro. Antes fôsse, porque então... (*novo gesto*) eu o resolveria por minhas próprias mãos!

— Vê-se logo! sussurou o Philêas.

— Sim, por minhas próprias mãos! Olha eu! Olha eu!

— Olha êle! murmurou o Philêas.

— Olha êle! disse eu entre dentes.

Depois de novo sarilho do homem, com gestos que deviam significar a espantifadela dum regimento inteiro, êle desabafou:

— Pois senhores! Venho aqui porque... porque me roubaram a alma.

— O quê? A alma? E quem foi o desalmado? — berrei eu, não me contendo.

— Quem me a roubou, não sei, agora o desalmado sou eu, que a perdi.

— Raciocinemos, disse, muito calmo o Philêas. Um roubo aproveita sempre a alguém. E por êsse lado que devemos levar as nossas suspeitas. Sabe-me dizer quem lucraria com êle?

— Não sei; a não ser o diabo, não vejo quem lucrasse com uma tal prenda!

— O diabo não, pois anda, com a actual dissolução de costumes, farto e refarto de almas.

Não teria o senhor feito nenhum negócio graúdo com alguém?

— Sim, talvez! Há dias vi em casa de um amigo meu um velho almanaque, daqueles que ainda se escreviam com *ch* no fim, objecto caro, e que, depois de muitas conversas, êle me trocou por um velho carro *Nash* que eu tinha e que nem quinhentos escudos valia. Fiz um belo negócio!

— Ou mau! rosnou entre dentes, Philêas.

E depois de pensar maduramente, o meu amigo saiu-se com esta, que me deixou banzo para tôda a minha vida:

— Pois foi êsse seu amigo quem lhe roubou a alma! Eu explico: O que foi que os senhores fizeram! Uma permuta. O que deu o senhor? Um *Nash*. O que lhe deu êle em troca? Um *almanach*, ouviu bem? Um alma... nach.

Portanto, tendo os senhores trocado um *Nash* contra um *Nach*, êle tinha-lhe dado a mais, o quê? *Alma*, visto que êle deu um *almanach*.

Logo, para que a troca fôsse igual, êle levou-lha a sua alma, que junta ao seu *Nash* fazia também um *almanach*.

E' ou não exacto?

Olhamo-nos, boquiabertos. Estava descoberto o mistério do roubo, devido a uma das mais atiladas deduções do meu amigo Philêas!

— Serviu-me bem, a lição! Fazer trocas, nunca mais! Para me suceder um dia ter de trocar, por exemplo, um *boné* por um *boneco* e o outro, para não ficar prejudicado, exigir-me mais alguma coisa em troca.

E foi-se saracoteando.

Dr. KNOX.

## Caro beijo!

Uma gentil «vendeuse», numa festa da Flor, negociou, com o sr. dr. S. de C., um beijo por 15\$00 escudos.

(Dos jornais).

Um beijo grátis, vá lá!  
Quem mais ganha é quem o dá...  
Mas vendido é caso raro;  
e por que preço, — tão caro!...

Não foi negócio d'amor;  
de-certo, não, nem por gosto.  
Teve um fim, sr. doutor;  
não foi por seu belo rosto...

Não foi um rasgo de louca  
de quem o deu ao de leve;  
e mesmo não foi na bôca;  
foi numa face de neve...

Gesto feminil, sublime,  
dum egoísmo com brilhos!  
Que gentil, divino *crime*  
a trôco de quinze *milhos*!...

João do MINHO.

## Cartas à Prima

Querida prima Lólió:  
Que tenha muita saúde  
Lá na velha Figueiró,  
Terra de grande virtude.

Pois a minha ao fazer desta  
Vai boa, graças a Deus.  
Aceite um beijo na testa  
E bom abraço dos meus

Lá com respeito ao que diz  
De ser eu o responsável,  
Tenha uma horinha feliz,  
— Sou um pai miserável.

Há muita alma impoluta  
Na vida que vem e vai...  
Ai, quanto filho da luta  
Fica no mundo sem pai!

Adeus priminha adorada,  
Bendito seja o seu fruto.  
Já sei que fica zangada,  
Mas eu não passo dum

BRUTO.

**ESPINGARDA** — Aluga-se uma por tôda a época balnear. Marca de fábrica. Fogo central e bi-lateral, carregando com tôda a qualidade de cartuchos à vontade do seu detentor. Mata tôda a qualidade de caça, desde o mosquito à majestosa águia. Esta espingarda tem 20 anos de prática. Para tratar com os cães da mesma.

**MACACO** — Vende-se um de família bastante abastada, por motivo de retirada. Não se faz questão de preço. Uma autêntica pechincha. Para falar e tratar pessoalmente.

# PEÇAS



## A MULHER DA PROA

História trágico-marítima em tantas cenas quantas queira a vontade do freguês

### PERSONAGENS:

Capitão Fumaradas	42 anos incompletos
Quebra-dentes . . .	esbirro de nascimento
Tira-olhos . . . . .	a mesma inclinação
A Mulher da Proa . .	coitadinha
O Tubarão . . . . .	12 anos, solteiro

*A cena representa as bordas de um navio de piratas.*

*A estibordo o capitão Fumaradas, pensa, e a bombordo encolhem-se de medo os esbirros, Tira-olhos e Quebra-dentes.*

*Uma mulher espetada na proa, pela parte de fora, rente à água.*

*O Mar está bravo e a viração subtil. 32° de Latitude Norte. Sol a prumo.*

FUMARADAS, *falando consigo mesmo aos esbirros*—Sois umas criaturas cata-lépticas. Dir-se-á que nesses peitos já não se incrustam os cabelos pretos que querem dizer maldade.

TIRA-OLHOS, *arrancando um ao Quebra-dentes*—Vêde meu senhor: eu sou assim (*Come o olho com volúpia estranha*).

QUEBRA-DENTES, *fazendo saltar ao companheiro 25 dentes*—E eu assim. (*Enquanto Tira-olhos vai cuspidendo dentes um a um, dois a dois, dez a dez, faltar vilanagem!, limpa o buraco do olho a um papel*).

A MULHER DA PROA—Acudam! Baleia à vista!

CAPITÃO FUMARADAS, *com uma gargalhada de gelar um ice-berg*—Ah! Ah! Ah! Perjura! Fidedigna! Quem te viu e quem te vê! Uma baleia? (*aos esbirros*). Vêde, olhai! E' apenas um tubarão que ali vai.

O TUBARÃO, *nadando*—Chap-chap-chap.

A MULHER DA PROA—Socôrrro! Socôrrro! Que eu estou completamente nua!

O CAPITÃO, *sorrindo-se*—Foi só com essa roupa que te entregaste ao outro. Infame! Serpentina criatura!

O TUBARÃO, *chegando perto e abrindo a bôca*—Ahn! Ahn!

A MULHER DA PROA—Perdão! Mil vezes perdão! Para a outra vez irei vestida.

O CAPITÃO FUMARADAS (*baixo aos esbirros*)—Se o tubarão tocar nela com uma barbatana só que seja, faço-vos saltar a tampa das congeminações.

TIRA-OLHOS, *cuspidendo o décimo quinto dente*—Allah é grande e o mar ainda é maior.

QUEBRA-DENTES, *fazendo girar o único olho de uma órbita para a outra*—Descansai senhor, que eu estou com os olhos nêle.

A MULHER DA PROA—Desamarrar-me ao menos os pés, que eu tenho muitas cócegas. (*berrando*) Fumaradas—meu amor, tira-me as dores.

FUMARADAS—Ventre maldito, morre! (*soluçando*) Que eu morrerei também quando Deus fôr servido.

TIRA-OLHOS—Por falar em servido: há três dias que não janto.

QUEBRA-DENTES—Há quatro que não almoço.

CAPITÃO FUMARADAS—Perros vis! Quem ousa profanar a hora sagrada da vingança?...

A MULHER DA PROA—Ai! Ai! Ai! Ei-lo! Tenta subir por mim acima.

Tende piedade! Ai! Ai! Ai! (*Os restantes ais perdem-se na imensidade do mar*).

(*Um silêncio! Só o mar batendo no costado do navio.*)

CAPITÃO FUMARADAS—Que terá acontecido? Já aos meus ouvidos não chegam os seus lamentos (*aos esbirros*). Sabeis que me respondeis pela sua preciosa vida?

OS DOIS, *pela bôca um do outro*—Sim, meu senhor! Mas não vemos sangue.

CAPITÃO FUMARADAS, *falando para baixo*—Sofres, miserável? E eu gozo! Já que em vida só enganaste os homens, vou dar-te agora a morte por intermédio dos peixes. Sofres, adúlterina criatura?

A MULHER DA PROA, *numa voz que não tem nada de angustiosa*—Não, meu querido espôso. O tubarão é macho!...

*Dois tiros. Tira-olhos e Quebra-dentes caem cada um para seu lado.*

J. de A.

### CARTAZ DE HOJE

*S. João:* Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

*Olimpia:* Sessões de cinema sonoro, com as melhores produções, aos sábados e domingos.

*Passos Manuel:* Os melhores números de Variedades e Cinema ao ar livre.

*Batalha:* A grandiosa e encantadora super-produção, *Sevilha dos meus amores*, com Ramon Novarro protagonista.

---

# **Concurso de Setembro**

---

As célebres viagens do

## **AUTOMÓVEL MISTÉRIO**

---

começarão impreterivelmente no próximo sábado



**PRÉMIOS NO VALOR DE  
1:500\$00 Escudos**



**Ver condições nos números anteriores**

---